

Lista de obras e textos para educação literária — 3.º ano

2	1	Alice Vieira <i>A Arca do Tesouro — Um Pequeno Conto Musical</i> Ou Álvaro Magalhães <i>O Senhor do Seu Nariz e Outras Histórias</i>
3	2	António Torrado <i>Trinta Por Uma Linha</i> (escolher 6 contos) Ou <i>O Mercador de Coisa Nenhuma</i>
9	3	Guerra Junqueiro «Boa Sentença», «O Fato Novo do Sultão», «João Pateta», in <i>Contos para a Infância</i> Ou Irene Lisboa «A Pata Rainha», «O Vento», «Os Príncipes Gémeos», in <i>Queres Ouvir? Eu Conto</i>
21	4	Luísa Dacosta <i>Robertices</i>
22	5	Luísa Ducla Soares <i>Poemas da Mentira e da Verdade</i> (escolher 8 poemas) Ou Vergílio Alberto Vieira <i>A Cor das Vogais</i> (escolher 8 poemas)
27	6	Matilde Rosa Araújo <i>As Fadas Verdes</i> (escolher 8 poemas)
29	7	Perrault <i>Contos de Perrault</i> (tradução de Maria Alberta Menéres) Ou Carlo Collodi <i>As Aventuras de Pinóquio</i> (tradução de José Colaço Barreiros)

Obras e textos para educação literária — 3.º ano

1

Alice Vieira

A Arca do Tesouro — Um Pequeno Conto Musical,
Editorial Caminho (texto com supressões)

A Arca do Tesouro — Um Pequeno Conto Musical [...]

Então a avó passou-lhe para as mãos uma caixa redonda com uma tampa azul (azul, como o céu quando o mau tempo abranda) e disse-lhe:

«É a tua arca do tesouro.»

Maria olhou para dentro da caixa, mas não viu tesouro nenhum. Nem tesouro nem outra coisa qualquer. Nada de nada.

A caixa estava completamente

VAZIA.

— Aqui não há tesouro nenhum... — murmurou ela.

A avó deu uma grande gargalhada.

(A avó nunca tinha voz de inverno)

— Claro que não! O tesouro és tu que o vais pôr aí dentro!

Ov **Álvaro Magalhães**

O Senhor do Seu Nariz e Outras Histórias,
Texto Editores (texto com supressões)

O Senhor do Seu Nariz

Custou-me muito a nascer. Estava tão bem desnascido, aconchegado sem ter nada que fazer. Mas tinha de ser.

Foi então que apareceu a fada. Tinha duas asas fininhas que a mantinham no ar e trazia uma saia cor-de-rosa, muito rodada, que já não se usava.

Não foi convidada mas apareceu. Foi o que lhe deu. Pousou a mão na minha testa e disse:

— A vida deste rapaz vai dar para o torto.

— Não diga isso — pediu a minha mãe, muito aflita.

— Digo, pois — voltou a fada. — Ele terá um nariz do tamanho de um chouriço. Por isso...

E foi mesmo isso que aconteceu. O tempo ia passando e o meu nariz crescia mais depressa do que eu. Quando parei de crescer tinha um nariz a perder de vista, mas continuava otimista. Um nariz do tamanho de um chouriço? Podia ser pior, dizia eu. E agora pergunto: não era pior se fosse do tamanho de um presunto?

[...]

2

António Torrado

Trinta Por Uma Linha, Civilização Editora

A Menina e o Burro

Era uma vez uma menina que conhecia o campo, mas de longe. Vira-o, uma vez, de passagem, da janela de um automóvel. Vira-o, mais vezes, de corrida, nos ecrãs da televisão. E vira-o, outras vezes, disfarçado de paisagem, nas folhas das revistas e nas tampas das caixas de chocolate. Esta menina, afinal, não conhecia o campo a sério.

Por isso, da primeira vez que foi ao campo, da primeira vez que pisou o chão rugoso do campo e respirou o ar vivo do campo e os cheiros todos do campo, a menina ficou, há que confessar, a menina ficou um tanto atordoada.

Tropeçou numa pedra, comichou-lhe o nariz e picou-se nas urtigas. Mas, apesar destes contratemplos, a menina, verdade se diga, não desgostou da experiência.

É que havia muita coisa para ver. Havia folhas que estalavam, quando ela as pisava. Havia carreiros de formigas, flores sem nome, canaviais bulindo, árvores ramalhando e, não muito além do caminho por onde a menina seguia, um burrito de orelhas espantadas. Tinha o pelo cinzento e não era de peluche.

A menina, que já ouvira histórias de príncipes encantados por fadas más, pensou: «E se é um príncipe transformado em burro?»

Podia ser. Tinha os olhos pestanudos e olhava para a menina cheio de curiosidade.

«Eu dou-lhe um beijinho, desfaz o encanto e ele transforma-se em príncipe», pensou a menina. «Até pode ser que, mais tarde, queira casar-se comigo.»

A menina, que já se via princesa, aproximou-se do burro, para concretizar o que tinha pensado. Mas o burro é que não estava pelos ajustes. Quando viu a menina mais perto, fugiu a galope.

A menina correu atrás dele:

— Não te faço mal. É só um beijinho — prometia ela.

Mas o burro não queria saber. Era um burro novo, sem nenhuma prática social, e aquela criaturinha enervava-o.

Naturalmente, não era um príncipe encantado. Devia ser só um burro.

Também nos parece que sim.

Lua Cheia

O jovem hipopótamo olha-se no espelho do lago e diz, tristemente:

— Sou tão feio! Tenho a boca enorme, dentes separados, uns olhos de choro, orelhas ridículas e um corpo... oh, um corpo tão deselegante, tão desajeitado que nunca vou poder dançar com ninguém.

O jovem elefante também se olha no espelho do lago e diz, tristemente:

— Sou tão feio! Tenho uma tromba imensa, orelhas de abano, olhinhos piscos e um corpo... oh, um corpo tão trangalhadaças e descomunal que nunca vou poder jogar às escondidas com ninguém.

Mas, quando o jovem hipopótamo, depois de, tristemente, se ter mirado no espelho do lago, levantou a cabeça, viu na outra margem uma hipopótama.

— Que linda! — exclamou. — Tem uma boca grande e expressiva, dentes bem implantados, uns olhos enternecidos, orelhas mimosas e um corpo tão elegante que apetece logo convidá-la para dançar.

Também o jovem elefante, depois de, tristemente, se ter visto refletido no espelho do lago, ao levantar a cabeça, deparou com uma jovem elefanta, na outra margem.

— Que encantadora! — exclamou. — Tem uma tromba ondulante, orelhas cheias e contentes, uns olhinhos maliciosos e um corpo tão resplandecente de vida que apetece logo pedir para jogar às escondidas com ela.

É de ficar por aqui.

A estas horas, o jovem hipopótamo e o seu par dançam, chapinham, riem, à beira do lago. Que felizes que eles são!

A estas horas, o jovem elefante e o seu par jogam às escondidas, correm, perseguem-se, riem à beira do lago. Que felizes que eles estão!

Estão eles e estamos nós. Até a Lua, bem redonda e festiva, que sobe pela noite, se debruça lá do alto, para não perder nem um pouco de perfume da primavera, a despontar na terra, nos animais, nas plantas, em tudo o que é vida e anuncia a felicidade.

O Anjo Perdido

Perdeu-se um anjo na minha rua.

É uma rua pequena, sem nada de especial. Vai dar a uma rua mais larga, a que as pessoas da vila chamam Rua da República, só porque em todas as vilas que se prezam tem de haver uma Rua da República. Quando digo onde moro, tenho sempre de explicar assim, senão ninguém sabe.

Pois foi logo a esta ruazinha insignificante que veio ter um anjo. É evidente que está perdido. Olha para um lado e olha para o outro, sem saber para que lado seguir ou voar. Faz beicinho o anjo. Chora.

Eu, que estou à janela, desço logo à rua, em socorro do pequeno anjo. Devia ser ao contrário. Os anjos é que costumam ajudar as pessoas. Não faz muito sentido que seja uma pessoa a ajudar um anjo.

Aproximo-me dele e percebo porque chora. Além de estar perdido, não consegue voar. Tem uma das asas descaídas, coitadinho. Chama pela mamã, em lágrimas. Fico confuso. Quem serão as mães dos anjos?

Mas tudo se esclarece. Na Rua da República, depois da esquina da minha rua, vai passar a banda dos bombeiros, vestidos de gala, a tocar uma marcha solene. É tarde de procissão na vila.

Este anjinho ia atrás do andor de São Sebastião, crivado de setas, mas sentiu uma imperiosa necessidade de fazer chichi e foi levantar a túnica, junto a um tapume da minha rua. Indiferente ao caso particular deste anjo, a procissão prosseguiu, rua adiante.

Peguei no anjinho ao colo e lá o pus no bom caminho, junto com os outros, atrás do andor de São Sebastião. Ele, que vinha a fungar, limpou as lágrimas e o nariz com as costas da mão, e nem me agradeceu. Pouco me importa. Saio desta história consolado. Salvei um anjo de se perder.

Bolacha Maria

Era uma vez uma bolacha Maria que disse que Maria, só Maria, não chegava. Queria ser, ao menos, Maria Emília. Bolacha Dona Maria Emília, com todo o respeito.

As outras companheiras do pacote fizeram-lhe a vontade. Mas, quando uma bolacha Maria começa com exigências, oh! oh! Nunca mais para...

— Pensando melhor, não dispenso os apelidos. Quero passar a ser tratada por Dona Maria Emília de Melo e Sousa Trigo de Reboredo Farinha.

Um nome tão comprido e retorcido não é fácil de decorar. Algumas das simplesmente Maria chamavam-na de Maria de Trigo Melo e Sousa não sei quê Farinha. Outras, de Maria Reboredo Farinha de Melo Trigo de Sousa Emília. E as mais esquecidas, apenas de Maria Farinha de Trigo, o que a punha fula.

— Distingam-me. Separem-me. Marquem a diferença. Eu sou uma bolacha especial. Uma bolacha Dona Maria Emília de Melo e Sousa Trigo de Reboredo Farinha.

— Tá bem — diziam as outras, que não eram de despiques.

Alguém abriu o pacote e começou a provar daquelas bolachas torradinhas e saborosas. Elas não se importavam. Sabiam para o que estavam destinadas e davam-se por contentes. Proporcionar um pouco de prazer ao paladar era a vocação delas.

A Maria que não ia com as outras, por sinal a última do pacote, não seguiu o caminho das demais. Ficou a aguardar novo acesso de apetite de quem, daquela vez já estava de barriga cheia. Ficou sozinha. Ficou esquecida.

Amoleceu.

Quando, passados dias, deram por ela disseram:

— Esta bolacha já está mole. Não presta.

E chamaram:

— Bobi, anda cá. Toma.

O Bobi, de rabinho a abanar, muito saracoteante e salivante, veio, tomou e foi assim que a excelentíssima bolacha Dona Maria Emília de Melo e Sousa Trigo Reboredo Farinha acabou na boca de um cão.

Esta história é pequenina e sabe a pouco? Pois é. O Bobi também achou o mesmo.

O Tio Zé Pereira Toca ou não Toca?

O tio Zé Pereira tem um bombo de primeira.

Bumba, zabumba
tumba que tumba.
Vai pela rua e tudo rebumba
vidraças, vidrinhos
garrafas de vinho
armário de pinho
tocheiros de chumbo.
Bumba, zabumba
tumba que tumba
a até a Lua
que dorme no cimo
da noite
e alumbra
os gatos perdidos,
com tal alarido,
que rasga e retumba
por ruas e campos
pinhais de penumbra
e até a Lua,

no cimo do mastro
da noite de chumbo,
grita que basta.
Que basta de
bumba, zabumba.

Como foi a Lua que mandou, o tio
Zé Pereira parou.
[...]

(texto com supressões)

O Destino da Música

[...]

A pouco e pouco a música foi-se apagando das memórias.

Para onde vão as melodias que nunca mais são tocadas?

Eu sei, isto é, julgo saber. Os sons sobem. Seja de flauta, de harpa ou de voz, o som solta-se donde é emitido e como leve coluna de fumo busca o ar transparente, onde vogam as andorinhas. Cada vez mais alto, o som atravessa as nuvens...

Quando chove e as gotas de chuva tilintam nas águas dos rios e dos lagos, os sons que subiram regressam à Terra. Todos juntos, em grande confusão, escorrem pelas correntes de água, em caudais de música, em ondas, em cascatas, e vão ter ao mar.

Os sons mais pesados vão para o fundo. Os outros permanecem à superfície e, levados pelo balanço das ondas, navegam, de mistura com algas, penas de gaivotas, bocadinhos de luz e de prata, roubados ao Sol.

Estava eu na praia, a contemplar um pôr de Sol (sou colecionador de pores de Sol, não sei se sabem), quando uma musiquinha suave me trespassou os ouvidos.

[...]

(texto com supressões)

Ov **António Torrado**

O Mercador de Coisa Nenhuma, Editora Civilização
(texto com supressões)

O Mercador de Coisa Nenhuma

Abdul-ben-Fari, comerciante de tapetes na cidade de Abjul, vivia tranquilamente dos seus negócios, que lhe enchiam o cofre e lhe alegravam o coração. Era respeitado como um dos homens mais ricos da cidade e um dos mais felizes. Mas, num dos recantos do seu coração alegre (e não do seu cofre repleto), alojara-se um espinho de tristeza, que crescia e doía às vezes.

Abdul-ben-Fari tinha um filho, Racib, quase um homem feito. Muito o preocupava Racib. Preocupava-o e afligia-o.

Que tristeza para Abdul-ben-Fari, quando espreitava Racib no armazém e o surpreendia sempre a bocejar. O que é que enfastiava o rapaz? O trabalho? Podia lá ser?

Então, desdobrar, escovar, limpar e voltar a dobrar infindáveis tapetes, até que aparecesse um comprador que os levasse por mais do que eles valiam, era porventura uma tarefa fastidiosa? Nem por sombras, pensava o velho mercador, filho, neto, bisneto, trineto de mercadores de tapetes.

Abdul-ben-Fari não atinava com os motivos que levavam Racib, o seu único filho, a desgostar-se de tão nobre profissão. Porque seria? [...]

3

Guerra Junqueiro

«Boa Sentença», «O Fato Novo do Sultão», «João Pateta», in *Contos para a Infância*, Editora Justiça e Paz

Boa Sentença

Um homem rico, mas avarento, tinha perdido dentro de um alforge uma quantia em oiro bastante avultada. Anunciou que daria cem mil réis de alvíssaras a quem lha trouxesse. Apresentou-se-lhe em casa um honrado camponês levando o alforge. O nosso homem contou o dinheiro, e disse:

— Deviam ser oitocentos mil réis, que foi a quantia que eu perdi; no alforge encontro apenas setecentos; vejo, meu amigo, que recebeste adiantado os cem mil réis de alvíssaras; estamos pagos por conseguinte.

O bom camponês, que nem por sombras tocara no dinheiro, não podia nem devia contentar-se com semelhantes agradecimentos. Foram ter com o juiz, que vendo a má-fé do avarento, deu a seguinte sentença:

— Um de vós perdeu oitocentos mil réis; o outro encontrou um alforge apenas com setecentos. Resulta daí claramente que o dinheiro que o último encontrou não pode ser o mesmo a que o primeiro se julga com direito. Por consequência tu, meu bom homem, leva o dinheiro que encontraste, e guarda-o até que apareça o indivíduo que perdeu somente setecentos mil réis. E tu, o único conselho que passo a dar-te, é que tenhas paciência até que apareça algum que tenha achado os oitocentos mil réis.

O Fato Novo do Sultão

Era uma vez um sultão, que despendia em vestuário todo o seu rendimento.

Quando passava revista ao exército, quando ia aos passeios ou ao teatro, não tinha outro fim senão mostrar os seus fatos novos. Mudava de traje a todos os instantes, e como se diz de um rei: Está no conselho, dizia-se dele: Está-se a vestir. A capital do reino era uma cidade muito alegre, graças à quantidade de estrangeiros que por ali passavam; mas chegaram lá um dia dois larápios, que, dando-se por tecelões, disseram que sabiam fabricar o estofado mais rico que havia no mundo. Não eram só extraordinariamente ricos os desenhos e as cores, mas além disso, os vestuários, feitos com esse estofado, possuíam uma qualidade maravilhosa: tornavam-se invisíveis para os idiotas e para aqueles que não exercessem bem o seu emprego.

— São vestuários impagáveis — disse o sultão. — Graças a eles, saberei distinguir os inteligentes dos tolos, e reconhecer a capacidade dos ministros. Preciso desse estofado.

E mandou em seguida adiantar aos dois charlatões uma quantia avultada, para que pudessem começar os trabalhos imediatamente.

Os homens levantaram com efeito dois teares, e fingiram que trabalhavam, apesar de não haver absolutamente nada nas lançadeiras.

Requisitavam seda e oiro fino a todo o instante; mas guardavam tudo isto muito bem guardado, trabalhando até à meia-noite com os teares vazios.

— Necessito saber se a obra vai adiantada.

Mas tremia de medo, lembrando-se de que o estofado não podia ser visto pelos idiotas. E por mais que confiasse na sua inteligência, achou em todo o caso prudente mandar alguém adiante.

Todos os habitantes da cidade conheciam a propriedade maravilhosa do estofado, e ardiam em desejos de verificar se seria exato.

«Vou mandar aos tecelões o meu velho ministro», pensou o sultão, «tem um grande talento; ninguém melhor do que ele pode avaliar o estofado».

Entrou o honrado ministro na sala em que os dois impostores trabalhavam com os teares vazios.

— Meu Deus! — disse para si arregalando os olhos. — Não vejo absolutamente nada! — Mas, no entanto, calou-se. Os dois tecelões convidaram-no a aproximar-se, pedindo-lhe opinião sobre os desenhos e as cores. Mostraram-lhe tudo, e o velho ministro olhava, mas não via nada, pela razão simplíssima de nada lá existir...

«Meu Deus!», pensou ele. «Serei realmente estúpido? É necessário que ninguém o saiba!... Ora esta! Pois serei tolo realmente! Mas lá confessar que não vejo nada, isso é que eu não confesso.»

— Então que lhe parece? — perguntou um dos tecelões.

— Encantador, admirável! — respondeu o ministro, pondo os óculos.

— Este desenho... estas cores... magnífico!... Direi ao sultão que fiquei completamente satisfeito.

— Muito agradecido, muito agradecido — disseram os tecelões, e mostraram-lhe de novo as cores e desenhos imaginários, fazendo-lhe deles uma descrição minuciosa. O ministro ouviu atentamente, para ir depois repetir tudo ao sultão.

Os impostores requisitavam cada vez mais seda, mais prata, e mais ouro; precisavam de quantidades enormes para este tecido. Metiam tudo no bolso, é claro; o tear continuava vazio, e, apesar disso, trabalhavam sempre.

Passado algum tempo, mandou o sultão um novo funcionário, homem honrado, a examinar o estofado, e ver quando estaria pronto. Aconteceu a este enviado o que tinha acontecido ao ministro: olhava, olhava e não via nada.

— Não acha um tecido admirável? — perguntaram os tratantes, mostrando o magnífico desenho e as belas cores, que tinham apenas o inconveniente de não existir.

«Mas que diabo! Eu não sou tolo!», dizia o homem consigo. «Pois não serei eu capaz de desempenhar o meu lugar? É esquisito! Mas deixá-lo, não o deixo eu.»

Em seguida elogiou o estofado, salientando toda a sua admiração pelo desenho e o bem combinado das cores.

— É de uma magnificência incomparável — disse ele ao sultão.

E toda a cidade começou a falar desse tecido extraordinário.

Enfim, o próprio sultão quis vê-lo enquanto estava no tear. Com um grande acompanhamento de pessoas distintas, entre as quais se contavam os dois honrados magnatas, dirigiu-se para as oficinas, em que os dois velhacos teciam continuamente, mas sem fios de seda, nem de ouro, nem de espécie alguma.

— Não acha magnífico? — disseram os dois honrados funcionários. — O desenho e as cores são dignos de Vossa Alteza.

E apontaram para o tear vazio, como se as outras pessoas que ali estavam pudessem ver alguma coisa.

— Que é isto! — disse consigo mesmo o sultão — Não vejo nada! É horrível! Serei eu tolo, incapaz de governar os meus estados? Que desgraça que me acontece! Depois, de repente, exclamou: — É magnífico! Testemunho-vos a minha real satisfação.

E meneou a cabeça com um ar prazenteiro, e olhou para o tear, sem se atrever a declarar a verdade. Todas as pessoas do séquito olharam do mesmo modo, uns atrás dos outros, mas sem verem coisa alguma, e, no entanto, repetiam como o sultão: «É magnífico!» Deram-lhe de conselho que se apresentasse com o fato novo no dia da grande procissão. «É magnífico! É encantador! É admirável!» exclamavam todas as bocas; e a satisfação era geral.

Os dois impostores foram condecorados e receberam o título de fidalgos tecelões.

Na véspera do dia da procissão, passaram a noite em claro, trabalhando à luz de dezasseis velas. Finalmente fingiram tirar o estofado do tear, cortaram-no com umas grandes tesouras, coseram-no com uma agulha sem fio, e declararam, ao cabo, que estava o vestuário concluído.

O sultão, com os seus ajudantes de campo, foi examiná-lo, e os impostores, levantando um braço, como para sustentar alguma coisa, disseram:

— Eis as calças, eis a casaca, eis o manto. Leve como uma teia de aranha; é a principal virtude deste tecido.

— Decerto — respondiam os ajudantes de campo, sem ver coisa alguma.

— Se Vossa Alteza se dignasse despir-se — disseram os larápios —, provar-lhe-íamos o fato diante do espelho.

O sultão despiu-se, e os tratantes fingiram apresentar-lhe as calças, depois a casaca, depois o manto. O sultão todo era voltar-se defronte do espelho.

— Como lhe fica bem! Que talhe elegante! — exclamaram todos os cortesãos. Que desenho! Que cores! Que vestuário incomparável!

Nisto entrou o grão-mestre de cerimónias:

— Está à porta o dossel sob o qual Vossa Alteza deve assistir à procissão — disse ele.

— Bom! Estou pronto — respondeu o sultão. — Parece-me que não vou mal.

E voltou-se ainda uma vez diante do espelho, para ver bem o efeito do seu esplendor. Os camaristas que deviam levar a cauda do manto, não querendo confessar que não viam absolutamente nada, fingiam arregaçá-la.

E, enquanto o sultão caminhava altivo sob um dossel deslumbrante, toda a gente na rua e às janelas exclamava: — Que vestuário magnífico! Que cauda tão graciosa! Que talhe elegante! — Ninguém queria dar a perceber que não via nada, porque isso equivalia a confessar que era tolo. Nunca os fatos do sultão tinham sido tão admirados...

— Mas parece que vai em cuecas — observou um pequerrucho, ao colo do pai.

— É a voz da inocência — disse o pai.

— Há ali uma criança que diz que o sultão vai em cuecas.

— Vai em cuecas! Vai em cuecas! — exclamou o povo finalmente.

O sultão ficou muito aflito, porque lhe pareceu que realmente era verdade. Entretanto, tomou a enérgica resolução de ir até ao fim e os camaristas submissos continuaram a levar com o máximo respeito a cauda imaginária.

João Pateta

João era filho de uma pobre viúva, bom rapaz, mas um tanto simplório. A gente da aldeia chamava-lhe, brincando, o João Pateta. Um dia mandou-o a mãe à feira comprar uma foice. À volta, começou a andar com a foice à roda, de maneira que a foice feriu uma ovelha, e matou-a.

— Pateta — disse-lhe a mãe — o que devias ter feito era meter a foice num dos carros de palha ou de feno de qualquer dos vizinhos.

— Perdão, mãe —, responde humildemente o João —, para a outra vez serei mais esperto.

Na semana seguinte mandou-o comprar agulhas, recomendando-lhe que não as perdesse.

— Fique descansada. — E voltou orgulhoso.

— Então, João, onde estão as agulhas?

— Ah! Em lugar seguro. Quando saí da loja onde as comprei, ia a passar o carro do vizinho carregado de palha; guardei-as lá, não podem estar em melhor sítio.

— Em tão bom sítio, que se não tornam a ver. És um bruto, devias tê-las espetado no chapéu.

— Perdão — tornou o João —, para a outra vez hei de ser mais esperto.

Na outra semana, por um dia de calor, o João foi dali a uma légua comprar um pouco de manteiga. Lembrando-se do último conselho de sua mãe, pôs a manteiga dentro do chapéu e o chapéu na cabeça. Imagine-se o estado em que apareceu em casa, com a cara a escorrer manteiga derretida.

A mãe já tinha medo de o mandar a qualquer recado. No entanto, um dia, disse-lhe que fosse à feira vender galinhas.

— Ouve bem, não vendas logo pelo que te derem. Espera a segunda oferta.

— Fico entendido — respondeu João.

Foi para a feira. Um freguês chegou-se a ele:

— Queres seis tostões por essas galinhas?

— Ora adeus! Minha mãe recomendou-me que não aceitasse o primeiro preço, mas que esperasse o segundo.

— E tem muita razão. Dou-te um cruzado.

— Está bem. Parece-me que tinha feito melhor em aceitar o primeiro, mas, como cumpro as ordens de minha mãe, ela não tem de me ralhar.

Depois disto, o João foi condenado a ficar em casa. Sua mãe sabia que mangavam com ele, e se riam dela. Um dia quis fazer uma experiência e disse:

— Vai vender este carneiro à feira. Mas não te deixes enganar. Não o entregues senão a quem te der o preço mais elevado.

— Está bem, agora entendo, e sei o que hei de fazer.

— Quanto queres por esse carneiro?

— Minha mãe disse-me que não o vendesse senão pelo preço mais elevado.

— Quatro mil-réis.

— É o preço mais elevado?

— Pouco mais ou menos.

— É minha a lã e o carneiro — disse um rapaz que trepara a uma escada.

— Quanto?

— Dez tostões.

— É menos — respondeu timidamente o João.

— Sim, mas vês até onde chega esta escada. Em toda a feira não há preço mais elevado.

— Tem razão. É seu o carneiro.

Desde esse dia, o João Pateta não tornou a ser encarregado de vender ou comprar fosse o que fosse.

Ov **Irene Lisboa**

«A Pata Rainha», «O Vento», «Os Príncipes Gémeos», in *Queres Ouvir? Eu Conto*, Livraria Figueirinhas Porto

A Pata Rainha

Uma pata saiu do seu charco e andava a esfregar o bico pelas ervas, quando dá com um pedacinho de lata a luzir. Parece-lhe coisa de muita valia e põe-na na cabeça. Depois vai-se mostrar às outras patas.

— Eu sou a rainha, eu sou a rainha! — grasna ela. Mas logo achou mesquinho o charco e as companheiras que tinha e resolveu ir correr mundo.

De coroa zinha na cabeça foi andando, foi andando... até que encontrou um cão.

— Pareço-te bem? — perguntou-lhe ela. — Olha que estás em presença de uma rainha!

— Muito bem — respondeu-lhe imediatamente o cão.

— Achas, achas? E tu gostarias de ser meu mordomo?

— Decerto. Nem maior honra eu podia esperar!

O cão era coxo, o que o não impediu de seguir a pata. Demais a mais o andar desta era vagaroso e solene. Puseram-se ambos a caminho.

A pata, como rainha que se supunha, ou era, tratou logo de lançar tributos a todos os bicos que encontrava e nunca mais se incomodou com a pitança. Galos, perus, galinhas e patos, tudo vivia subordinado à senhora pata. E ela, ociosa e regalada.

Estava a real pata muito bem acochada a uma sombra, em certo dia, quando dá à passarada para se pôr a chalar. E diz ela assim lá de baixo:

— Caluda, que me incomodam.

Mas os pássaros continuaram.

— Caluda, que a rainha quer descansar!

Os pássaros, que estavam numa hora de folia, sentiram-se agravados. E com eles todo o povo de penas se amotinou.

— Há de se saber se a pata é ou não é rainha! — diziam de um lado.

E do outro: — Que venha a pata! Que venha a pata!

Sai do seu remanso a pata, com toda a majestade, e apresenta-se.

Bradam-lhe os pássaros: — Canta, que, se tu és rainha, hás de saber cantar.

A pata abre o bico e grasna.

Foi uma risota geral.

— Então voa, já que não sabes cantar; voar talvez saibas e se és nossa rainha voarás melhor que nós.

A pata vai para voar mas só bate as asas.

— Fora a rainha! Fora a rainha! — gritam-lhe os pássaros de mil modos.

— Nada, debes saber nadar — dizem-lhe então os cisnes —, nada aqui à nossa frente, belo galeão...

A pata, felicíssima, entra pela água adentro e começa a nadar, mas depressa fica para trás dos cisnes, que nunca mais olham para ela.

Torna a pata para terra.

— E o monco, tu não tens monco? — bradaram-lhe os perus. — E a crista e os esporões? — saltam de lá os galos.

— Fora, fora, fora, que não é rainha! — bradam todos a um tempo. — Não sabe cantar nem voar e até nada mal! E não possui monco nem crista nem esporões, fora, fora!

A pata é expulsa do reino dos bicos à bicada.

Desaparece com o seu cão sem deixar saudades. Nem rasto...

Muito murchos, muito humildes, onde haviam os dois de ir parar?

À porta de um moinho. A moleira chama-os para dentro e oferece-lhes de comer. A pata é para a engorda e o cão, apesar de coxo, para guarda.

Já a pata estava como um texugo, nédia, pesada, vem-lhe o cão com um recadinho:

— O patrão faz anos, tu sabes? E a patroa não fala noutra coisa.

— Deixa-os lá! — respondia-lhe a pata. — Quero que tenham muita saúde!

E o cão:

— Mas olha que eles já convidaram o compadre e a comadre...

Andava o cão sempre fora e dentro com recadinhos e a pata enfasiava-se: Deixa-os lá!

Até que ele um dia participou que a patroa andava a amolar facas.

— Isso agora já é outra coisa! — exclamou ela. — Mofina vida! Ala, que já aqui não estamos bem! — E olhou desgostosa para o caco das sêmeas, mas tornou a exclamar: — Ala, ala!

Muito acuadinhos, lá partiram os dois à capucha. De déu em déu, ela aos balanços e ele a coxear, esconderam-se nuns pedregais, onde curtiram muita fome. A pata andava com as penas todas ouriçadas e o seu mordomo mostrava a um e um os nós da espinha. Catavam as pedras e lamuriavam.

Torna a pata a achar um pedacinho de lata. E diz logo assim para o cão:

— Mordomo, lembra-te que estás em presença de uma rainha! — E de latinha no toutiço entra a dar ao rabo e a grasnar.

Passaram uns pelotiqueiros. Veem-na com aqueles propósitos e tanta graça lhe acham que a levam e mais o cão. Ensinam-na a marchar ao som da música, com uma verdadeira coroa na cabeça. E ao cão a receber os óbolos. Ambos se dão bem no ofício.

Diz a pata para o cão sempre que terminam os espetáculos:

— Mordomo, bons tributos? — E afasta-se com um ar de rainha satisfeita.

Do tempo que ambos assim viveram é que não reza a história.

O Vento

Diz-se que um dia... o Sol e o Vento andavam a brincar às escondidas. O Vento empurrava as nuvens, que tapavam a cara do Sol. O Sol esbraseava-as, derretia-as e tornava a luzir. O Vento sossegava, mas sempre a resmungar. Nisto andavam...

E uma velhota, que muito bem entendia estes manejos do Vento e do Sol — do ladrão do Vento, do macaco do Sol, como ela dizia — contou a seguinte história a um neto que tinha.

Mas antes de a contar, sentada à porta, com a cabeça do rapazito no regaço, a ver se ele dormia, assim lhe disse: — Não te fies de um nem maldigas do outro! — Sem eles que seria do mundo?

E para ver se chamava o sono ao neto, começou:

— O Vento veio ao mundo num reino, num reino que se perdeu o nome. Não sabias? E era muito estimado, alegre, até bonito. Vivia com os pais. No palácio destes havia uma torre que chegava ao céu.

Os primeiros passos do vento foram dados nela, para cima e para baixo. E já eram pesados. Os pais bem lhe recomendavam: «Cuidado, Vento!» Este era o seu nome, que nunca perdeu. Ainda hoje o tem. Cuidado, não te aleijes! Mas o Vento, que já era travesso, nunca sossegava e cada vez batia mais com os pés. Foi crescendo e mostrando bem o que havia de vir a ser: turbulento, ambicioso e brigão.

Um belo dia o Vento abandona os pais. E tal sumiço levou que a torre caiu e o reino se desfez (tanto que já ninguém sabe onde eles ficaram e o seu próprio rasto se perdeu).

Se perdeu, não digo bem, emendou a velha; porque por onde ele passava... — É o Vento, é o Vento — diziam todos. — Ah! Ladrão! — Mas ele nunca tornava atrás. Parece que tinha de dar a volta ao mundo; era o seu fardo. E deu-a mais de um cento de vezes. Sempre a galope! Debulhava as espigas, torcia os ramos, quebrava as canas dos milhos, encrespava as águas e chegou a derrubar à punhada as mais velhas árvores que havia. Rugia, assobiava, era indomável.

— Quem passou por aqui, quem me desgraçou? — diziam os desesperados.

Outros ameaçavam-no: — Ah! Ladrão, que se te apanho...

Mas o Vento ria, ria e a zenir por meio dos canaviais ainda metia mais pavor. De noite então!

Tantos malefícios espalhou que já não tinha senão inimigos.

Havemos de o vencer! Diziam todos. E armaram-lhe ciladas. Ele numas caía, de outras se livrava. Mas como tinha o fado de andar sempre às voltas pelo mundo e não podia morrer, corria, corria... Sangrado, pisado, humilhava-se, às vezes: mas assim que ganhava forças... ele aí vai!

A dar, a dar com os grandes braços para um lado e para o outro, à maneira de pás; a inchar, a inchar e a resfolegar cada vez com mais força... quem é que o podia segurar?

Tantas vezes se repetiu o caso que um rei, de outro reino também perdido, o quis conhecer. E para isso lhe marcou uma audiência. O Vento, sabedor e surpreendido, apresentou-se ao tal rei no prazo marcado. Mas da conversa que ambos tiveram nada ficou escrito, o mundo é que depois falou.

«Temos o vento mudado!» Correu por toda a parte.

E era verdade. Maldades ainda fazia e armava os seus sarilhos, mas também as tinha boas... Tanto assim que subiu a um monte e soprou, soprou, soprou... Por encanto fez nascer moinhos com velas e mós. Depois desceu a uma porção de praias do mar. E que se viu? Surdirem barcos, que ele próprio empurrava.

À tardinha, então quando se sentia bem-disposto, deitava-se no chão e punha-se a dizer segredos às flores.

E a velhota, falando, falando, adormeceu o neto com a sua história.

Os Príncipes Gémeos

Havia um rei — no tempo dos príncipes e dos reis — que tinha dois filhos gémeos.

Tempos tão esquecidos, quase ignorados! Mas tão dilatados... capazes de ir de lés a lés da nossa fantasia, de entrar em todas as cabeças, de abranger todas as idades, desde as mais remotas até agora...

Pois nesse tempo vivia um rei em seu belo reino com a rainha e dois filhos gémeos que tinha. Dois formosos mancebos, amorosos e inteligentes.

Ora o rei não sabia a qual deles havia de legar o trono e o cetro. Lançar o caso à sorte dos dados, por exemplo? Não lhe parecia bem.

Entrementes calhou montear-se um javali nas matas reais. O rei e os dois filhos, que tomavam parte na caçada, apartaram-se sem premeditação. E o rei, subitamente

iluminado, achou asada a ocasião de fazer a sua escolha. Sacou da buzina de caça e soprou nela três vezes. Era um sinal de apelo conhecido.

Ainda o eco da buzina ia de quebrada em quebrada e já os dois príncipes, cada um de seu lado, acorriam ao chamamento do pai. Este, interdito, não soube que lhes explicar e mandou-os continuar a batida.

Os dois filhos riem e partem sem a menor sombra de suspeita.

Manda-lhe depois o rei um belo bolo que trazia de merenda, mas incógnito, pela mão de uma mendiga. Agora, sim, se havia de saber quem a sorte designaria.

Termina a caçada com muitas peripécias e algazarra, como era sempre o hábito, e recolhe-se a real comitiva ao palácio. Houve um banquete, com muitas iguarias e, ao fim, um dos príncipes declara: — mas bolo como o que recebemos das mãos de uma mendiga é que não há.

— Qual de vós, qual de vós? — apressa-se o rei a perguntar.

Os irmãos entreolharam-se e logo respondem: — Ambos. A mulherzinha acercou-se de nós para saber qual era o príncipe. O meu irmão apontou-me e eu apontei-o a ele. Ela então dividiu o bolo ao meio... Era delicioso, o meu irmão que o diga. — Delicioso! — repetiu o outro príncipe, e ambos sorriram.

Porém, o rei não se deu por achado nem por vencido. Arteiro, em ar de conversa perguntou aos filhos se não gostariam de ir correr mundo, de mostrar aos outros quem eram.

Que sim, nem outra coisa o coração lhes pedia. E ambos partiram por uma manhã clara, cada um para sua banda.

Tanto se demoraram, tão longas viagens fizeram que o povo os ia quase esquecendo. E a rainha chorava sem consolação. Que seria feito dos seus amados filhos? O rei já maldizia a hora em que os tinha de si afastado, com aquela triste ideia da escolha do acaso.

Nada consolava os dois velhotes, que se punham das torres do augusto palácio a mirar os cerros, a água e os ares. Estavam eles nisto, num belo dia, quando veem sobre as ondas do mar um trapo branco a fazer-lhes sinais. E ao mesmo tempo a luz do Sol obscureceu-se por efeito de umas grandes asas.

Que maravilha e que terror! Que seria, que havia de ser? O povo juntou-se, os reis perderam a cor; ouviam-se exclamações e ais. E viu-se dar à costa um peixe monstro enquanto poisava na areia uma ave majestosa.

Os dois príncipes, cada um da sua extraordinária montada, apeiam-se.

Aclamações, gritos e mais aclamações, tudo repentinamente delira.

Chega o dia, pouco tempo passado, em que os príncipes darão parte das maravilhas que conheceram.

Adianta-se o primeiro. Escuta-o a corte e o povo.

Ele diz que muito aprendera pelas terras por onde tinha andado mas só falaria do que lhe parecera mais curioso. Tinham-se-lhe deparado gigantes e anões, porém os anões é que o tinham maravilhado. Homens tão pequenos com suas casas e cidades que uma dorna cobriria, mas que coisa nenhuma suplantava, em sua perfeição e ordem. Também passara por um ermo onde as pedras, sozinhas, batalhavam. E batalhavam como se quisessem ensinar a quem passava que a crueldade dos combates ainda era mais dura do que a pedra, ou que só a pedra a suportaria. Também vira chover estrelas num campo de trigo sem uma só espiga ser queimada, o que lhe fez pensar que as coisas lindas não trazem em si maldade. Com os próprios pássaros se entendera. A linguagem dos pássaros era de amor, uma linguagem universal. De louvor à luz, ao dia, à fertilidade do campo, à frescura das matas, à pureza da água... Horas inteiras passara embevecido a ouvi-la.

Avança então o outro príncipe:

— Belas coisas meu irmão descobriu — disse ele —, a que as minhas se não comparam. E acrescentou:

— No meio do campo, por uma bela tarde, eu que notei? Que as flores se vestiam e se despiam. Que queria aquilo dizer? Pensei, pensei: que eram como as mulheres, ou que as mulheres são como as flores. Mais adiante dei com um pastor que emprestava a sua flauta aos bichos. Fiquei espantado. E o meu espanto ia crescendo com a música da bicharada. Já se vira? Saíam coisas tão bonitas da boca dela como da nossa. O que me fez pensar que o reino do homem é bastante apertado, que o homem, excluindo dele os bichos, a sua alma e a sua graça, o reduz sem necessidade. E também vi correr no ar um rio cheio de peixes e uma árvore, de raízes para cima, continuar a dar flores e fruto. Coisas maravilhosas, sem explicação, mas que me mostravam tudo ser possível, mesmo o que o meu entendimento não abarcava.

Repousava um príncipe, voltava o outro a falar, e assim se passaram horas sem nunca o povo nem a corte se cansarem.

Sábios príncipes temos nós, se dizia depois à chucha calada. Qual deles virá a reinar?

A mesma interrogação martirizava o rei, que teve mais uma das suas ideias. Num dia de assembleia tira o manto dos ombros (um belo manto lavrado a oiro e forrado de arminho) e atira-o aos filhos, bradando:

— Filhos meus, ordeno-vos que dele vos sirvais sem o retalhardes!

Com a maior simplicidade, os dois irmãos levantaram o manto do chão e, chegando-se um ao outro, se cobriram com ele.

O rei passa a mão pelos olhos como se um relâmpago o tivesse deslumbrado. Volta-se depois, ora para o povo, ora para os cortesãos, e declara: — Este será daqui para o futuro o reino dos dois reis, meus bem-aventurados filhos, tão unidos pelo espírito como pelo coração.

E nada mais consta da história.

4

Luísa Dacosta

Robertices, Desabrochar (texto com supressões)

A Carochinha

Personagens: Roberto, Carochinha, Porco, Cão, Gato, Rato.

Roberto *(Depois de muitas vénias.):*

— Meninas! Meninos! Gente de folia!

Chegou o Roberto e a sua companhia!

Temos para apresentar as aventuras da Carochinha, aquela que achou cinco réis a varrer a cozinha.

Pedimos palmas, atenção e um milheiro de tostões, pois somos amigos e brincalhões!

O espetáculo vai já começar... e não é de perder...

Orelhas em pé! E olhos abertos com vontade de ver!

(Desaparece o Roberto, depois de muitas vénias debruçadas.)

Carochinha *(Queixando-se, enquanto varre.):*

— Ó tristura de vida! Varrer, varrer, sempre a lidar!

Sem tempo de a própria formosura contemplar!

(Alvorçada.)

Mas o que é aquilo que além tanto brilha?!
Cinco réis! Cinco reizinhos eis o que cintila!
Que feliz sou! Formosa e herdeira riquinha,
pois achei cinco réis a varrer a cozinha!
Some-te, vassoura! Tenho de arranjar forma para o meu pé!
Quero um marido, a gosto, elegante, olarilolé!

(Debruçada à janela.)

— Quem quer casar com a Carochinha
que achou cinco réis a varrer a cozinha?

Porco *(Entusiasmado.)*:

— Tanta formosura quem pode enjeitar?!
Não procures mais, querida Carochinha, aqui estou eu pronto a casar!
[...]

5

Luísa Ducla Soares

Poemas da Mentira e da Verdade, Livros Horizonte

À Mesa

A mãe, se me vê
comer com a mão,
prega-me logo
uma lição.

Então tentei
comer com o pé:

Tirei sapato,
tirei a meia...
Ia levando uma tareia.

Mas amanhã
não ralham comigo
pois vou comer
pelo umbigo.

A Minha Casinha

Fiz uma casinha
de chocolate,
tapei-a por cima
com um tomate.

Pus-lhe uma janela
de rebuçado
e mais uma porta
de pão torrado.

Pus-lhe um chupa-chupa
na chaminé;
a fazer de neve,
açúcar pilé.

A minha casinha
bem saborosa...
comi-a ao almoço.
Sou tão gulosa!

Rio Douro

Rio douro
De ouro a anel
Anel de Saturno
Saturno planeta
Planeta solar
Solar do Marquês
Marquês de Pombal
Pombal das pombas
Pombas da paz
Paz e amor
Amor ao próximo
Próximo comboio
Comboio a vapor
Vapor de água
Água com peixes
Peixes do rio
Rio Douro.

Perguntas

Os ladrões vivem
nas águas-furtadas?

O peito do pé usa *soutien*?

Em que carpintaria funciona
a serra da Estrela?

Quando se come um prego,
fica-se com ferrugem na barriga?

Em que mês aparecem
andorinhas no céu da boca?

O Sumo Pontífice é feito
de que sumo?

Em que guerra foi usado
o peixe-espada?

O Tempo

Perdi o tempo
na rua
perdi o tempo
a brincar.
Ando agora atrás do tempo
não o consigo encontrar.

Mas prometo vinte escudos
a quem mo tornar a dar.

No Bairro de Lata

Na rua
que não é rua

na casa
que não é casa

uma bola
que não é bola.
Mas se o menino
a rebola

a bola finge de bola
a casa finge de casa
a rua finge de rua.

E o menino
finge e acredita
que a Terra também é sua.

Se...

— Se eu tivesse um carro
havia de conhecer
toda a terra.

Se eu tivesse um barco
havia de conhecer
todo o mar.

Se eu tivesse um avião
havia de conhecer
todo o céu.

— Tens duas pernas
e ainda não conheces
a gente da tua rua.

Eu Queria Ser Pai Natal

Eu queria ser Pai Natal
e ter um carro com renas
para pousar nos telhados
mesmo ao pé das antenas.

Descia com o meu saco
ao longo da chaminé,
carregado de brinquedos
e roupas, pé ante pé.

Em cada casa trocava
um sonho por um presente.
Que profissão mais bonita
fazer a gente contente.

Ov **Vergílio Alberto Vieira**

A Cor das Vogais, Editora Civilização

História de Um Chapéu

Tinha um chapéu tirolês
Feito com palha de trigo
Por distração outra vez
Comeu-o com avidez
Um burrinho meu amigo.

História de Uma Estrela

De tanto a noite olhar,
E de uma sozinha estrela
Mais que as outras fixar,
Deixou, o menino, de vê-la.

Fez-se o pequeno e destino,
Fez-se tão pequeno o mar
Que nos olhos do menino
Caiu uma estrela a brilhar.

O Melro, Ourives

Na pupila de cristal,
Que negra cabeça encerra,
Esconde sem saber que é seu
O oiro todo da terra.

Faz de Contas

O maroto do João
Um, dois, três
Só quer ao Queima jogar.
Quatro, cinco, seis
Ai que grande reinação
Sete, oito, nove
Vai nas contas de somar!
Se a cabeça não pensar
E o João não acertar
Quem de *cem* tira *noventa*,
Pelo número que lhe resta
Vão as orelhas crescer:
Vai ser o bombo da festa.

A Cor das Vogais

Com as cores do arco-íris,
Fez-se o A amor-perfeito.

Raminho de estrelas,
Vou pôr-te ao peito!

Com as cores do arco-íris,
Fez-se o E estrela distante.

Luzeirinho de oiro,
Guia-me um instante!

Com as cores do arco-íris,
Fez-se o I ilha no mar.

Barquinho de espuma
Quero navegar!

Com as cores do arco-íris,
Fez-se o O ocasião.

Princesa da ilha,
Dá-me a tua mão!

Com as cores do arco-íris,
Fez-se o U único amor.

Cores do arco-íris,
Qual a vossa cor?

Sofia Cotovia

Não canta o dia, não!
Canta a luz das águas
Em manhã de verão.

O Golfinho Almirante

À proa do seu navio,
De almirante enfarpelado,
Oficial e cavalheiro,
Segue o golfinho, ligeiro,
Rumo à Estrela Polar.
Só ele sabe, e não diz:
Quando vier a casar
Que noiva fará feliz?

O Estorninho Sábio

De um lugar perdido,
Pelo inverno vem.
O estorninho sábio
Casa inda não tem.

Do mais alto ramo
Solta uma cantilena.
Chora o olival
Toda a sua pena.

Passa o caçador
Sem nada para a ceia:
Que gorjeio de oiro
O teu, Lua Cheia.

6

Matilde Rosa Araújo

As Fadas Verdes, Editora Civilização

O Rosmaninho

O rosmaninho acorda
Na madrugada branca
Sua flor
Igual
Aos olhos brandos
De um menino
Que ainda bebe
O leite morno
De sua mãe

Alegre Menina

Papoila encarnada
De seda vestida
Alegre menina
Na seara nascida

Papoila encarnada
Cabeça tão escura
Alegre menina
Que tão pouco dura

Papoila encarnada
Pezinho tão verde
Alegre menina
De vida tão breve

A Pinha

Numa tarde
No pinhal
Uma menina
Pegou numa pinha
Com as mãos
Pequeninas
E a menina ria
E a pinha se abria
E também ria
E a brisa branda
Da tarde
Os pinheiros
Varria

A Sandália de Setembro

Folha tocada
Pelo outono
Folha tombada
Meiga cansada
Cheia de sono

Cortar

Cortaram uma árvore
E a terra chorou

Cortaram outra árvore
E a terra chorou

E tantas árvores mais...

E a terra chorou
Chorar também cansa
Quem pode enxugar as lágrimas
Da terra cansada?

Nem as mãos de uma criança...

Felicidade

O lagarto estendido ao sol
Disse: O Sol seja louvado!
E o Sol brilhou mais ainda:
Lagarto! Muito obrigado!

A rã no charco da noite
Disse: Que lindo é o luar!
E a Lua brilhou mais ainda:
Rã! Que lindo o teu coaxar!

E o sapo verde, a saltar
No chão sozinho saltou
E à terra disse baixinho:
Terra! Que feliz eu não sou!

A Cor do Silêncio

Que linda flor! Todos dizem
E as folhas de nervuras finas
Recortes serrados a preceito
Ficam caladas a escutar
Ninguém diz: Que lindas folhas!
E verde é silêncio

Berço

A cegonha chega ao ninho
Que tão alto ali a espera
Procura o berço do Sol
Seu berço de primavera

Vem de longe muito longe
Em viagem tão comprida
Quem não amar este berço
Sabe tão pouco da vida

7

Perrault

Contos de Perrault (tradução de Maria Alberta Menéres), Edições Asa
(texto com supressões)

O Capuchinho Vermelho

Era uma vez uma menina da aldeia, a mais bonita que jamais se vira; a mãe tinha muita vaidade nela e a avó ainda mais. Esta boa mulher mandou-lhe fazer um capuchinho vermelho que lhe ficava tão bem que em toda a parte era conhecida como a menina do capuchinho vermelho.

Um dia a sua mãe, tendo cozido e preparado uns bolos, disse-lhe:

— Vai ver como está a tua avó, pois disseram-me que tem andado doente, e leva-lhe um bolo e esta pequena tigela com manteiga.

O Capuchinho Vermelho partiu logo para ir até à casa da avó, que morava numa outra aldeia. Ao passar por um bosque, encontrou o compadre Lobo, que teve mesmo vontade de a comer; mas não o ousou por causa de uns lenhadores que andavam na floresta.

[...]

As Fadas

Havia uma viúva que tinha duas filhas; a mais velha era tão parecida com a mãe no carácter e no rosto que olhar para ela era o mesmo que olhar para a mãe. Eram as duas muito antipáticas e tão orgulhosas que não se podia viver com elas. A mais nova, que era o retrato perfeito do pai, pela doçura e delicadeza, era por isso mesmo uma das mais belas raparigas que existiam.

Como de uma maneira geral se gosta mais de quem se parece connosco, a mãe adorava a filha mais velha e tinha um espantoso ódio à mais nova.

A esta, fazia-a comer na cozinha e trabalhar sem descanso. Entre outras coisas, obrigava a pobre criança a ir duas vezes por dia buscar água a meia légua de distância da casa onde moravam, carregando com uma enorme bilha cheia de água.

Um dia, quando ela estava na fonte, aproximou-se uma mulher pobremente vestida que lhe suplicou que lhe desse de beber.

— Pois não, boa mulher — disse a linda menina.

E, passando rapidamente por água a sua bilha, foi tirar água do canto mais bonito da fonte e ofereceu-lha, amparando sempre a bilha para que ela pudesse beber com mais facilidade. A boa mulher, tendo acabado de beber, disse-lhe:

— Tu és tão bela, tão boa e tão dedicada que não posso deixar de te conceder um dom. (Era realmente uma fada que tinha tomado a forma de uma pobre mulher de aldeia só para ver até que ponto aquela menina era bondosa.)

— Eu te concedo o dom — prosseguiu a fada — de, por cada palavra que disseres, te brotar da boca uma flor ou uma pedra preciosa.

Quando a bela rapariga chegou a casa, a mãe ralhou-lhe por se ter demorado na fonte.

— Peço perdão, minha mãe — disse —, por ter demorado tanto.

E, ao pronunciar estas palavras, brotaram da sua boca duas rosas, duas pérolas e dois enormes diamantes.

— O que vejo eu? — disse a mãe, espantada. — Parece-me que vejo sair da tua boca pérolas e diamantes. Como aconteceu isto, minha filha? (Era a primeira vez que a tratava por «minha filha».)

A pobre criança contou-lhe ingenuamente o que lhe tinha acontecido, sem cessar de lançar pela boca fora uma infinidade de diamantes.

— Na verdade — disse a mãe —, tenho de mandar lá a minha outra filha. — Olha, Fanchon, repara no que sai da boca da tua irmã quando ela fala; não gostavas de receber também o mesmo dom? Não tens mais do que ir à fonte buscar água e, quando uma mulher pobremente vestida te pedir de beber, dar-lhe água muito delicadamente.

— Havia de ser coisa linda de se ver, eu ir à fonte — respondeu, grosseiramente.

— Pois eu quero que tu lá vás, e já! — retorquiu a mãe.

Ela lá foi, mas sempre a resmungar. Levou o mais belo jarro de prata que havia em casa. Mal tinha acabado de chegar à fonte quando viu surgir do bosque uma senhora magnificamente vestida que lhe veio pedir de beber: era a mesma fada que aparecera à irmã, mas que tomara a figura e os vestidos de uma Princesa para ver até onde ia a falta de delicadeza desta rapariga.

— Julga que eu vim aqui — disse-lhe a selvagem orgulhosa — só para lhe dar de beber? E ia eu encher propositadamente um jarro de prata só para matar a sede à senhora!... Dou-lhe um conselho, beba por ele se quiser.

— Não és mesmo nada delicada — respondeu a fada sem se zangar. — Pois bem, já que foste tão pouco amável, dou-te o dom de, por cada palavra que disseres, da tua boca saltar uma serpente ou um sapo.

Logo que a mãe a sentiu chegar, gritou-lhe:

— Olá, minha filha!

— Olá, minha mãe! — respondeu a selvagem, lançando pela boca fora duas víboras e dois sapos.

— Céus! — exclamou a mãe. — O que vejo eu? A tua irmã foi a culpada disto, ela mas pagará!

E imediatamente correu para a espancar. A pobre criança fugiu e foi refugiar-se numa floresta próxima. O filho do rei encontrou-a e, vendo como era bela, perguntou-lhe o que fazia ali sozinha e por que razão estava a chorar.

— Oh, senhor, foi a minha mãe que me pôs fora de casa.

O filho do rei, vendo brotar da sua boca cinco ou seis pérolas e outros tantos diamantes, pediu-lhe que lhe contasse como era aquilo possível. Ela contou-lhe toda a sua aventura. O filho do rei apaixonou-se por ela e, tomando em consideração que um tal dom tinha enorme valor, levou-a consigo para o palácio do rei seu pai, onde a desposou.

Quanto à irmã, tornou-se tão odiosa que a sua própria mãe a expulsou de casa; e a infeliz, depois de ter corrido sem encontrar quem a quisesse acolher, acabou por morrer num recanto do bosque.

Moralidade

Os diamantes e as moedas de ouro
têm grande poder sobre os corações;
e, no entanto, as palavras suaves
ainda têm mais poder e são de maior valor.

A delicadeza vive da atenção
e exige um pouco de complacência.
Mas cedo ou tarde terá a recompensa
e muitas vezes quando menos se espera.

Ov **Carlo Collodi**

As Aventuras de Pinóquio (tradução de José Colaço Barreiros),
Editorial Caminho (texto com supressões)

As Aventuras de Pinóquio

I

*Como foi que o Mestre Cereja
carpinteiro achou um bocado
de madeira que chorava e ria
como uma criança.*

Era uma vez...

— Um rei! — dirão já os meus pequenos leitores.

Não, meus rapazes, enganaram-se. Era uma vez um bocado de madeira.

Não era uma madeira fina, mas sim um simples pedaço de lenha, dos que no inverno se metem nos fogões e nas lareiras para acender o lume e aquecer as casas.

Não sei como foi, mas a verdade é que um belo dia aquele bocado de madeira foi parar à oficina de um velho carpinteiro, que tinha por nome Mestre António, mas a quem todos chamavam Mestre Cereja, por causa da ponta do nariz, sempre roxa e lustrosa como uma cereja madura.

Assim que Mestre Cereja viu aquele bocado de madeira ficou todo contente, e, esfregando as mãos de alegria, murmurou a meia voz:

— Este pau vem mesmo em boa altura: vou usá-lo para fazer a perna a uma mesinha.

Dito e feito. Pegou imediatamente num machado para começar a tirar-lhe a casca e desbastá-lo, mas, quando estava para dar a primeira machadada, ficou de braço suspenso no ar, porque ouviu uma vozinha muito fina que lhe pediu:

— Não me bata com muita força!

Imaginem como ficou o bom velho do Mestre Cereja! Olhou à volta da casa para ver donde é que podia ter saído aquela vozinha, e não viu ninguém! Foi ver debaixo do banco, e ninguém; procurou dentro de um armário que estava sempre fechado, e ninguém; rebuscou o cesto das aparas e da serradura, e ninguém; abriu o postigo da oficina para dar uma olhadela para a estrada, e ninguém! Então?...

— Já percebi — disse então rindo e coçando o chinó. — Vê-se que fui eu que imaginei aquela vozinha. Voltemos ao trabalho.

E pegando de novo no machado, deu uma grande pancada no pedaço de madeira.

— Ai! Fizeste-me doer! — queixou-se a gritar a vizinha.

Desta vez Mestre Cereja ficou espedaçado, com os olhos a saltarem-lhe das órbitas de medo, com a boca muito aberta e a língua pendurada até ao queixo, como a estátua de uma fonte. Assim que conseguiu falar, começou a dizer tremendo e balbuciando com o susto:

— Mas donde saiu esta vizinha que disse «ai»?... Aqui não há vizinha. Terá sido por acaso este bocado de lenha que aprendeu a chorar e a queixar-se como uma criança? Não posso acreditar. A madeira está aqui: é um bocado de lenha como todos os outros, e, se o puser no lume, dá para cozer uma panela de feijão... ou então? Se se escondeu alguém, pior para ele. Já o arranjo!

E enquanto falava, agarrou com força aquele pobre pedaço de madeira e pôs-se a batê-lo sem dó nem piedade contra as paredes da casa. Depois ficou à escuta para ouvir se havia alguma vizinha a queixar-se. Esperou dois minutos, e nada; cinco minutos, e nada; dez minutos, e nada!

— Já percebi — disse, esforçando-se por rir e coçando o chinó. — Vê-se mesmo que eu é que imaginei aquela vizinha que disse «ai»! Vamos ao trabalho.

E como já estava cheio de medo, experimentou pôr-se a cantarolar para ver se ganhava coragem.

Entretanto, largou o machado, pegou na plaina para aplainar e alisar o pedaço de lenha; mas, enquanto o aplainava para cima e para baixo, ouviu a vizinha do costume que lhe disse a rir:

— Está quieto! Estás a fazer-me cócegas!

Desta vez o pobre Mestre Cereja caiu no chão como que fulminado. Quando tornou a abrir os olhos, deu consigo sentado no chão.

A cara estava transfigurada, e até a ponta do nariz, de vermelha que era quase sempre, se tinha tornado amarela devido ao medo.

II

*Mestre Cereja oferece o bocado
de madeira ao seu amigo Gepeto,
que o leva para fazer um boneco
maravilhoso que saiba dançar,
jogar à espada e dar saltos mortais.*

Nessa altura bateram à porta.

— Entre! — disse o carpinteiro, sem forças para se levantar.

Então entrou na oficina um velhote muito encarquilhado, cujo nome era Gepeto; mas os rapazes da zona, quando o queriam ver zangado, chamavam-no pela alcunha de *Papas de Milho*, por causa do chinó amarelo que se parecia muitíssimo com papas de milho.

Gepeto era muito desconfiado. Ai de quem lhe chamasse *Papas de Milho*! Ficava logo pior que uma fera e ninguém conseguia aguentá-lo.

— Bom dia, Mestre António — disse Gepeto. — O que está a fazer aí no chão?

— Estou a ensinar as formigas a fazer contas.

— Bom proveito lhe faça!

— O que o trouxe por cá, compadre Gepeto?

— As pernas. Mestre António, fique sabendo que vim pedir-lhe um favor.

— Aqui estou, pronto a servi-lo — respondeu o carpinteiro, pondo-se de joelhos para se levantar.

— Esta manhã tive uma ideia.

— Conte lá.

— Pensei fazer um belo boneco de madeira; mas um boneco maravilhoso, que saiba dançar, jogar à espada e dar saltos mortais. Com esse boneco vou correr mundo, para ver se ganho para um bocado de pão e um copo de vinho; o que acha?

— Muito bem, *Papas de Milho*! — gritou a vizinha, que não se sabia donde vinha.

Quando ouviu chamarem-lhe *Papas de Milho*, o compadre Gepeto ficou vermelho que nem um pimentão, e voltando-se para o carpinteiro disse-lhe furioso:

— Porque é que me ofendeu?

— Quem o ofendeu?

— Chamou-me *Papas de Milho*!...

— Não fui eu.

— Querem ver que fui eu? Estou a dizer que foi você.

— Não!

— Sim!

— Não!

— Sim!

E a irritarem-se cada vez mais passaram das palavras aos atos, e, agarrados um ao outro, arranharam-se, morderam-se e socaram-se.

Acabada a briga, Mestre António tinha nas mãos o chinó amarelo de Gepeto, e Gepeto reparou que tinha na boca o chinó desfeito do carpinteiro.

— Dá-me o meu chinó! — gritou Mestre António.

— E tu dá-me o meu, e façamos as pazes.

Os dois velhotes, depois de terem recuperado os chinós, apertaram as mãos e juraram ficar bons amigos para toda a vida.

— Então, compadre Gepeto — disse o carpinteiro em sinal de pazes feitas.

— Qual é o favor que quer de mim?

— Queria um bocado de madeira para fazer o meu boneco; dá-mo ou não?

Mestre António, todo contente, foi logo buscar à banca de trabalho aquele bocado de madeira que tinha sido para ele razão de tanto terror. Mas quando ia entregá-lo ao amigo, o bocado de madeira deu um safanão e, escapando-se-lhe violentamente das mãos, foi bater com força nas canelas do pobre Gepeto.

— Ah! Mestre António, é com esta delicadeza que oferece as suas coisas?

Quase me deixou coxo!...

— Juro-lhe que não fui eu!

— Então fui eu...

— A culpa é toda deste pau...

— Bem sei que foi o pau: mas você é que me deu com ele nas pernas!

— Eu não lhe bati!

— Mentiroso!

— Gepeto, não me ofenda; senão chamo-lhe Papas de Milho!...

— Burro!

— Papas de Milho!

— Asno!

— Papas de Milho!

— Grande macaco!

— Papas de Milho!

Ao ouvir chamarem-lhe Papas de Milho pela terceira vez, Gepeto sentiu faltar-lhe a vista e atirou-se ao carpinteiro; e deram das boas um ao outro.

Acabada a batalha, Mestre António achou-se com dois arranhões no nariz, e o outro com dois botões a menos no colete. Empatados deste modo, apertaram as mãos e juraram que seriam bons amigos para toda a vida.

Entretanto, Gepeto pegou no seu belo pedaço de madeira e, agradecendo a Mestre António, voltou a coxear para casa.